

Sarney, José

Ulysses quer acertar política salarial

Susto

Villas-Bôas Corrêa

O boato do pré-infarto de verão do presidente José Sarney não agüentou o tranco do chorrinho de desmentidos: dissolveu-se no caldo grosso do ridículo, deixando algumas lições que necessitam ser absorvidas, depressinha e sem restrições embebidas de preconceitos miúdos e inconfessáveis.



Com o alívio das evidências e da penca de informações que dissipam dúvidas renitentes, o alívio do susto convida a oportuníssima reflexão do bom senso.

Sarney está na melhor forma física possível a um temperamento nervoso, de excitada sensibilidade, apertado no sufoco do governo em crise, comido pelas beiradas pela inflação, em surda escaramuça com o Congresso para a aprovação, sem alterações deformantes, do ambicioso *Plano Verão*, sua última cartada — e em ano eleitoral com a casa em polvorosa, sem candidato, sem base política, com a popularidade no porão. Para mal dos pecados, ministros e ex-ministros aparecem envolvidos em tramóias em série e não chegam a livrar as bochechas do governo com os desmentidos que não explicam, soam como desculpas choramingadas sem convicção.

E mesmo para arrebentar coração. Mas o do presidente continua com batimentos regulares, controlado pelas pílulas tranqüilizantes engolidas todas as manhãs, em coquetel colorido, e pelas caminhadas nos jardins que circundam o Palácio da Alvorada: na tarde em que era dado como cercado pela família angustiada e submetido a uma batelada de exames, Sarney esticava as pernas sedentárias em cinco quilômetros suados e recolheu-se pouco depois das 22h, como que a intercalar a distensão de raros instantes de desligamento à tensão estressante do cotidiano.

Ora, nesses tempos de radicalização e de raiva, de salários que se evaporam na ciranda gananciosa dos preços que se anteciparam ao congelamento e fizeram sua quinzena de festa neste janeiro, não falta quem se entregue à insensatez e torça — e até proponha — as mais alouçadas fórmulas salvadoras.

Uma delas, das mais teimosas, é a da renúncia de Sarney.

Para que? Bem, não se cobre lucidez de raciocínio lógico a quem, na privação do ódio ou da ambição desatada, solta a primeira tolice que coça a língua.

Porque o afastamento de Sarney, a menos de dez meses do primeiro turno da sucessão presidencial, não anteciparia um segundo a data da eleição, fixada pela Constituição para 15 de novembro e, ao contrário, mergulharia a transição nas brumas de uma confusão dos diabos.

É só pensar um pouco, sem birras nem simpatias. A frio, como se recomenda.

Vamos lá. O governo que está a fechar a conta do compromisso da transição democrática estruturou-se em esquema de frágil suporte político mas de sólida, firme, irrepreensível base militar.

Defenestrar Sarney, por deposição, renúncia ou outro impedimento, importa em desmanchar o esquema e compor outro. A toque de caixa, no turbilhão das paixões desatinadas, em plena temporada sucessória.

A nova Constituição facilita as coisas, dispensando eleição direta. Nos últimos dois anos de mandato, na vacância dos cargos de presidente e vice-presidente da República, "a eleição para ambos os cargos será feita trinta dias depois da última vaga, pelo Congresso Nacional, na forma da lei". (Art. 81, § 1º).

Seria o caso, Sarney não tem vice: é o vice no exercício da Presidência. Ao Congresso que aí está, engasgado com o *Plano Verão*, sem partidos nem lideranças, tocando o barco aos trancos e barrancos, caberia entender-se no milagre de articulação consensual para sagrar o doutor Ulysses Guimarães, candidato natural e único, presidente para o consolo de um rabicho de mandato, na tessaca da crise. Para vice, nas circunstâncias, qualquer um serviria.

A operação não se completaria sem turbulências que ameaçariam a estabilidade da embarcação. O país pararia por tempo imprevisível.

Mudança de governo e ainda mais no trauma do confronto, importa em troca de todos os ministros. Inclusive os militares.

Dá para sentir o tamanho da embrulhada em que estaremos enfiados até o pescoço. Improvisar um governo no espasmo da crise, quando afinal alguma coisa está sendo tentada para domar a inflação, representaria escancarar as portas e janelas ao risco de retrocesso político. Com os seus clássicos desdobramentos, desde a tutela militar à revisão do processo sucessório.

E para quê? Só para apaziguar açodados que não sabem esperar a vez e a hora ou fazer a vontade a alguns energúmenos que não enxergam a ponta do nariz e acreditam nas soluções simplistas, nas mágicas que consertam as coisas da noite para o dia.

Até do boato, que é a perdição dos afoitos, pode-se extrair lição de sabedoria. A transição venceu percalços, está próxima dos atos finais de consolidação. Tentar mexer no seu calendário, alterar suas regras, é pura birutice.

O presidente José Sarney, antes de embarcar ontem à noite para Angola, combinou manter contatos com o presidente da Câmara e do PMDB, Ulysses Guimarães — que nesses dois dias assume interinamente a Presidência da República —, em busca de um acerto sobre a política salarial do governo embutida nas medidas do Plano Verão. Ulysses, que acompanhou Sarney ao embarque, disse ao presidente que o desacerto em torno da política de salários "está contaminando as negociações" que o Congresso possa desenvolver em torno do programa econômico, e que é urgente superar o impasse.



José Sarney

Ulysses alertou Sarney sobre as obstruções que vem sendo feitas no Congresso para a votação das outras medidas do plano econômico em função do desacerto em relação à política

salarial. Os dois conversaram a sós durante a cerimônia de embarque — à qual compareceram quase todos os ministros, ausente o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega — do presidente na Base Aérea de Brasília, às 21h35.

O presidente chegou à Base às 20h45, e, numa rápida entrevista, indagado sobre a derrota da medida provisória nº 25 no Congresso, disse "o conveniente é preservar a unidade das medidas". Sarney não negou que negociará com o Congresso os outros itens do plano econômico, mas voltou a reivindicar que os parlamentares assumam a responsabilidade no combate ao "risco de hiperinflação".

Após o embarque do presidente — ele mancou ligeiramente da perna esquerda ao caminhar do saguão principal da Base até a porta do Boeing presidencial — Ulysses Guimarães disse que "o Congresso está assumindo a responsabilidade" de combater a inflação, e vai continuar a fazê-lo. Segundo o presidente em exercício, o que houve em relação à medida nº 25 foi que o Congresso entendeu que "não era substancial ao plano econômico do governo".

Incor nega ter sido chamado

SÃO PAULO — A direção do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas (Incor) negou ontem que tivesse recebido qualquer solicitação da Presidência da República para enviar uma equipe de cardiologistas a Brasília para atender ao presidente José Sarney. "Não recebemos nenhum pedido", afirmou ontem o diretor do Incor, Adib Jatene. "Estou muito surpreso com essa história toda", acrescentou.

O superintendente do Instituto, Fúlvio Pileggi, contestou a versão de que o cardiologista diretor da área clínica do Incor, Giovanni Bellotti, tivesse sido chamado às pressas na manhã de quarta-feira ao Palácio da Alvorada para fazer exames no presidente. "Não autorizei a viagem de ninguém", disse Pileggi, que atende pessoalmente a Sarney quando o presidente está em São Paulo para exames médicos de rotina.

O cardiologista Giovanni Bellotti chegou ao

Instituto na manhã de quarta-feira, antes das 8h, e segundo suas secretárias permaneceu em seu gabinete de trabalho até as 16h. Bellotti é um velho conhecido do presidente José Sarney e costuma acompanhá-lo com frequência, representando o Incor, nas viagens oficiais ao exterior, já tendo participado das comitivas para a União Soviética, Argentina e China, entre outras. Na manhã de ontem, Bellotti embarcou para Brasília onde se juntou ao grupo presidencial que viajaria à noite para Angola.

A confirmação da viagem a Angola, segundo médicos do Incor, comprova que o presidente José Sarney não teve uma crise cardíaca na noite de terça-feira. "O presidente não teve nada", apostava ontem uma das mais graduadas autoridades do Instituto. "Só um louco viajaria depois de ter um problema cardíaco. Nenhum médico autorizaria isso".

Todos desmentem pré-enfarte

O presidente José Sarney saiu de manhã sorridente do Palácio da Alvorada, chegou sorridente ao Palácio do Planalto e, no começo da tarde, apareceu sorridente aos repórteres, fotógrafos e cinegrafistas que o acompanharam na volta à residência oficial. A exibição de bom humor e de disposição, que incluiu passos rápidos, acenos e a abertura excepcional dos portões do Alvorada à imprensa, tinha um objetivo claro: desmentir que Sarney tenha sofrido um pré-infarto de terça para quarta-feira.

"Vocês estão vendo o progresso da medicina?", brincou o presidente com os jornalistas ao deixar o Alvorada e ao chegar ao Planalto, pouco antes das 10h. Enquanto ele se deslocava da residência oficial, o médico Messias de Araújo se encarregava de garantir que Sarney não teve qualquer problema cardíaco nos últimos dias. O presidente está sentindo manifestações de estafa física, segundo o Dr. Messias.

Rumor — A notícia de que Sarney sofrera um pré-infarto foi publicada ontem pelo jornal *O Globo*. Durante o dia circulou nos meios médicos de Brasília o rumor de que não tinha sido um pré-infarto, mas uma crise leve de angina. Parentes, amigos, assessores e o médico da Presidência da República asseguravam enfaticamente, no entanto, que Sarney não sofrera nem pré-infarto nem crise de angina. Um parente de Sarney disse que ele sentira apenas forte dor de cabeça na noite de terça-feira.

"O presidente não sentiu fortes dores no peito?", perguntou um repórter ao Dr. Messias.

"Quando fazemos um *check-up*", explicou o médico, "procuramos identificar todas as manifestações que porventura possam desencadear um quadro de gravidade. Desde o momento em

que fiz o eletrocardiograma, procedi a um cruzamento para detectarmos que realmente o presidente não manifesta nada cardíaco."

Assim, sem negar que o chefe do governo tenha sentido dores fortes no peito — características de crise de angina — Messias admitiu que fora antecipado o *check-up* a que Sarney se submete rotineiramente, antes de viajar ao exterior.

"Achei prudente ele se submeter a exames preliminares antes de embarcar para Angola", disse Messias. Ele argumentou que Sarney tem trabalhado normalmente 16 horas por dia, o que torna naturais as manifestações de estafa. De acordo com o Dr. Messias, a estafa vem produzindo, há três, quatro ou cinco dias, dores na perna esquerda do presidente, "consequência de ter ficado sentado muitas horas".

Liberação — Os exames de quarta-feira e da manhã de ontem revelaram que a saúde do presidente está completamente normal, segundo o Dr. Messias. O *check-up* compreendeu um eletrocardiograma e exames de sangue e de urina e, pelo que disse o médico, em nenhum momento envolveu especialistas do Instituto do Coração, de São Paulo, como foi noticiado ontem.

O próprio Dr. Messias encarregou-se de liberar o presidente para a viagem a Angola. Como em todas as viagens internacionais de Sarney, além do médico da Presidência viajará o Dr. Giovanni Bellotti, cardiologista diretor da área clínica do Incor, que esteve com o chefe do governo na quarta-feira. Segundo assessores presidenciais, deve ter sido a visita de Bellotti a Sarney que produziu os rumores de que ele tivera um pré-enfarte.